

# “Resiste ao sangue e às cólicas”: “The G-Girl” e outros poemas de Tenzin Choezin

*Pedro Mohallem*

**Resumo:** Os três poemas de Tenzin Choezin traduzidos neste artigo fornecem um vislumbre do mosaico intercultural que constitui as vidas tibetanas em exílio, ao mesmo tempo familiar nos temas que compartilha tradições literárias pelo mundo, como questões de gênero e histórias de fantasmas, e distinto no modo como os poemas estabelecem a relação do eu com o outro, bem como no uso criativo da língua anglo-tibetana.

**Palavras-chave:** Tenzin Choezin; questões de gênero; tradição oral; estrangeirização; diálogo intercultural

**Abstract:** The three poems of Tibetan exile poet Tenzin Choezin translated in this article offer a glimpse into the tapestry of intercultural lives of Tibetans in exile. This tapestry is at once familiar in its themes of shared traditions across the world around gender struggles or children’s ghost stories, and different in its projection in the poems in the form of dialog with the other as well as in the creative use of Tibetan-English language.

**Keywords:** Tenzin Choezin; gender struggles; oral tradition; foreignization; intercultural dialog



Tenzin Choezin é uma jovem poeta tibetana nascida e criada em Dharamshala, no Norte da Índia. Na infância e juventude, estudou em um colégio para tibetanos refugiados, graduando-se em Literatura Inglesa pelo *Madras Christian College*, em Chennai, e pela *Jawaharlal Nehru University*, em Déli. Trabalhou como Responsável de Projetos na *Central Tibetan Women's Association* em Dharamshala. Atualmente, Choezin é a Consultora-Chefe do *Tibetan Career Center*, uma unidade de apoio à juventude no setor administrativo da comunidade tibetana em exílio. Em seu tempo livre, Choezin escreve poemas e contos inspirados em sua experiência de vida.

Traduzimos para o português três poemas de Choezin: “Menstruating”, “Dremo” e “The G-Girl”. No que diz respeito à forma, percebe-se que a poeta trabalha com versos curtos não rimados, dispostos em estrofes igualmente curtas. Sem regularidade métrica, o ritmo desses poemas é ditado antes pela reiteração de certos termos, ocorrendo ora no início da estrofe (anáfora), ora no final ou após a estrofe (refrão). Em conversa por e-mail, Tenzin revelou-nos seu processo de escrita bastante espontâneo:

Escrevo boa parte dos meus poemas pela madrugada, eles me ocorrem naturalmente. As palavras e os versos brotam na minha cabeça, e eu apenas

passo para o papel. É durante a madrugada que minhas energias criativas despertam, e, embora meus olhos estejam fechados, meu cérebro não para. (...) Eu não sigo nenhuma forma de versificação. Minhas observações, minhas experiências de vida misturam-se à minha imaginação, e deixo que fluam como quiserem. (Tradução nossa)

Convém notar a perspectiva diversa que Choezin ocupa no panorama da poesia tibetana em exílio: os três poemas aqui apresentados não abordam diretamente a condição do exilado – o que não implica que, lançando luz a questões distintas, não denunciem um sistema desigual ou não estabeleçam diálogo com a tradição. “Menstruating” acusa o estigma social e a vulnerabilidade da mulher – a que menstrua e a que a observa, incapaz de protestar contra os olhares alheios; “*Dremo*”, carregado de simbologia e misticismo, lembra um canto xamânico ou, ainda, uma cantiga de roda às avessas; “The G-Girl”, por fim, desdobra de maneira cômica a situação cotidiana de uma jovem à procura de emprego. A autora nos diz:

Apesar de todas as inseguranças que assolam nossa realidade, é na imaginação e na escrita que posso me libertar delas. A escrita é, para mim, como um lugar habitável, e os escritos, minhas únicas posses irrevogáveis. Eu não posso controlar realidades – a constante batalha coletiva, o estilo de vida instável e as crises de identidade, que culminam em nossa sina de apátridas e nos mais variados desafios que surgem de nossa condição de exilados. Assim, de vez em quando, gosto de fugir às responsabilidades através do pensamento, da imaginação e da escrita, pois, quando escrevo, posso controlar as coisas, não o contrário. (Tradução nossa)

Tratam-se, portanto, de assuntos alheios ao tema do exílio, mas nem por isso inverossímeis ou impertinentes àquela sociedade, da vida cotidiana à própria história de seus viventes. Curiosamente, certos temas provam-se verossímeis e pertinentes também à nossa: “Menstruating”, por exemplo, denuncia uma condição de subjugação moral sem fronteiras, facilmente identificável em nossa própria cultura.

Acreditamos, assim, que incluir a perspectiva poética de Tenzin Choezin no *corpus* traduzido de poesia tibetana em exílio promova forte diálogo intercultural e contribua para que compreendamos sua riqueza, bem como sua complexidade – e, acima de tudo, sua proximidade para conosco.

## Sobre a Tradução

Nossa proposta de tradução pautou-se sobretudo na correspondência semântica, evitando distorções de significado e buscando ao mesmo tempo estabelecer paralelos formais com o texto fonte. Na prática, isso significou imprimir nos versos traduzidos um ritmo semelhante (não exatamente igual, visto que, segundo Choezin, eles não se sujeitam a nenhuma forma de versificação e, a nosso ver, a preocupação com número e qualidade de sílabas aqui é secundária), emulando sua dicção na medida em que isso não implicasse em omitir ou acrescentar novos sentidos. Tomamos certas liberdades sintáticas a fim de reproduzir na língua de chegada a fluidez presente na língua de partida. No que diz respeito aos vocábulos tibetanos que ocorrem em “*Dremo*”, assumimos uma estratégia estrangeirizadora (VENUTI, 1995), mantendo-os em sua forma original e elucidando seu significado por notas explicativas cedidas pela autora. Embora fosse possível substituir os vocábulos por outros em português que se aproximassem semanticamente deles, acreditamos ser importante preservar a distinção cultural tão marcada: as transliterações do tibetano destacam-se no texto de partida, e adaptá-las eliminaria a interessante dimensão bilíngue do poema. Demais comentários, pontuais, serão feitos em notas de rodapé durante a leitura dos poemas e suas respectivas traduções.

## Os poemas e as traduções

### Menstruating

Why do you do that?<sup>1</sup>  
 disfigured polka dots  
 on the back of my dress  
 ironed just yesterday  
 said Elizabeth,  
 the English professor,

in my head

Why do you do that?  
 uninvited guest  
 venting out furious & red  
 (on) the bleeding woman's dress  
 while she hops here and there  
 dancing on nightingale and the frog

in my head

Why do you do that?  
 handful brats  
 mumbling into one another's ears  
 (of) the bleeding woman's dress  
 while she stood strong in blood and  
 cramps  
 teaching you the sorry story of the  
 singing bird

all in my head.

### Menstruar

Pra que fazer isso?  
 bolinhas desfiguradas  
 nas costas do vestido  
 passado ainda ontem  
 disse Elizabeth,  
 a professora de inglês,

na minha cabeça

Pra que fazer isso?  
 hóspede indesejado  
 rompendo em fúria & rubor  
 (sob) o vestido da mulher que sangra  
 e saltita para lá para cá  
 dançando ao som de O Sapo e O Rouxinol

na minha cabeça

Pra que fazer isso?  
 pirralhos irritantes  
 balbuciando um para o outro  
 (sobre) o vestido da mulher que sangra  
 e que, firme, resiste ao sangue e às cólicas  
 contando-lhes a pesarosa história do pássaro  
 cantante

tudo na minha cabeça.

---

1 Essa pergunta, repetida ao início de todas as estrofes, parece assumir destinatários diversos: “you” pode se referir ao próprio sangue (“uninvited guest”), aos alunos (“handful brats”) e à própria voz lírica do poema (“in my head”). Para que a polissemia fosse preservada, na falta de um pronome que satisfizesse a todos os contextos, optamos por suprimi-los.

**Dremo**<sup>2</sup>

Pass not through the crooked path  
for it has the fangs awaiting you  
The blood shall suffice the three  
but the fourth needs your soul

Mumble the prayers  
until they twist their tongues  
and the feet shall run apart backward  
but the fourth shall need your soul

Hold your holy breath,  
they mustn't smell you for the feast,  
without your fear they shall not pinch a skin  
but the fourth will need your soul

Semdrel whispered into Semchung's ears  
that Chomlhak heard from Denpa how his  
grandfather Changshoe learnt from his  
neighbour,  
Juthok that

the fangs await you  
down the crooked path,  
the blood must suffice the three  
but the fourth still needs your soul

**Dremo**

Não passe pela vereda torta,  
pois lá estão garras à sua espreita  
O sangue bastará para três  
mas a quarta pede por sua alma

Balbucie as rezas  
até que torçam as línguas,  
e seus pés, desnorteados, recuem  
mas a quarta pedirá por sua alma

Prenda seu fôlego santo  
para que não te farejem no festim,  
sem o pavor, não tocarão num fio seu  
mas a quarta vai pedir por sua alma

Semdrel sussurrou no ouvido de Semchung  
que Chomlhak ouviu de Denpa como seu  
avô Changshoe aprendeu com seu  
vizinho  
Juthok que

as garras te espreitam  
ao fim da vereda torta,  
o sangue deve bastar às três  
mas a quarta ainda pede por sua alma

---

2 Segundo Choezin, as expressões que servem de nomes próprios neste poema são transliterações de certos vocábulos tibetanos, cujos significados seguem: *Dremo* significa “bruxa”; *Semdrel*: “preocupação”; *Semchung* é uma expressão surgida de *Sem* (“coração/mente”) + *Chung* (“pequeno”), e designa um indivíduo extremamente sensível; *Chomlhak* é um neologismo derivado de *Chomdhen Dhey* (“Buda”) + *Lbakpar* (“mais que”), e poderia se entender como “maior/ mais sábio que o Buda” – o uso é, obviamente, irônico; *Changshoe*: “o mais esperto”; *Juthok*: “fofoqueiro”.

**The G-Girl**<sup>3</sup>

The garlic girl  
claims she's allergic  
to anything that is garlic or has garlic

She started the conversation  
with garlic and ended with it,  
speaks of garlic but sighs about it

The garlic girl  
said she was hit by a rock  
unconscious and couldn't stand garlic  
anymore

She pleads if she can seek a job  
'A receptionist,' I asked  
she shouted, 'you mean at a restaurant?'  
'Well, yes!' but she stops me right there  
'No Garlic.'

The garlic girl,  
She said, anything would do  
'A waitress,' I asked again, she slammed  
back  
'Didn't I tell you no garlic?'

She thinks she was expelled from the  
school  
because of garlic

**A menina do alho**

A menina do alho  
diz ser alérgica  
a tudo que seja alho ou leve alho

Ela iniciou a conversa  
com alho e com ele a encerrou,  
fala de alho mas suspira ao falar

A menina do alho  
disse que levou uma pedrada  
e quando acordou já não suportava mais alho

Ela suplica por um emprego  
'Recepcionista?', perguntei  
ela exclamou, 'Tipo, em um restaurante?'  
'Ué, sim!'", e ela de pronto me cortou  
'Alho, não.'

A menina do alho,  
ela disse que qualquer um serviria  
'Garçonete?', outra vez perguntei, e ela  
rebateu  
'Já não te disse que alho, não?'

Ela pensa ter sido expulsa do  
colégio  
por causa do alho

---

3 Há aqui um duplo sentido que se perdeu na tradução: *G-Girl*, além de funcionar como abreviação de *garlic girl*, tem uma carga semântica peculiar. Embora o significado do G inicial seja flutuante (ora "Great", ora "Gossip" ora a mera repetição de "Girl", enfatizando o traço "meninice" da personagem a quem o apelido se atribui), é possível supor um denominador comum entre todos eles: a ênfase em um traço de personalidade da personagem. Em português, seria algo como a expressão "Garota com G maiúsculo". Traduzir dessa forma, no entanto, perderia a referência ao alho, mais importante para amarrar o título ao poema em si; ademais, a omissão desse duplo sentido não compromete, a nosso ver, a leitura do poema.

but wants to know of more jobs  
 ‘A housekeeper,’ I hurriedly opined and  
 she said,  
 ‘A big NO,’ people eat garlic and come  
 to rest

The garlic girl,  
 she thinks garlic has ruined her life,  
 but now I only dream of garlic every other  
 night.

mas quer saber de outros empregos  
 “Governanta”, opinei apressado, e ela  
 disse  
 “Não mesmo”, pessoas comem alho e  
 vão repousar.

A menina do alho,  
 ela pensa que o alho arruinou sua vida,  
 mas eu agora sonho com alho quase toda  
 noite.

## Referência bibliográfica

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. London/New York: Routledge, 1995.

**Pedro Mohallem** é bacharel em Letras Português-Inglês e mestrando em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo. Poeta e tradutor, participou de revistas e antologias poéticas como a *METEÓRO* (Corsário-Satã, 2019) e a *Poesia Brasileira em Contracorrente* (Mondrongo, 2019). Autor de *Véspera; Debris* (Patuá, 2019), livro que reúne poemas autorais e traduções do francês e do inglês.